La Comédiathèque

Cara ou Coroa

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

Cara ou Coroa

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Vincent e Antoine são dois atores, outrora amigos, que não se veem há anos. Com o tempo, a amizade transformou-se numa rivalidade profissional e amorosa. Um deles marca um encontro com o outro no palco de um teatro, na esperança de recuperar a amizade que se perdeu com a juventude. Mas a tentativa de reconciliação depressa se transforma num acerto de contas, antes de talvez dar origem a um projeto inesperado.

Personagens

Vincent
Antoine

© La Comédiathèque

O palco está vazio, à exceção de duas cadeiras, uma de cada lado de uma pequena mesa. Vincent entra com uma chávena na mão. Senta-se e bebe um pouco de café, de olhar perdido. Consulta o relógio, pousa a chávena na mesa, levanta-se e dirige-se ao público.

Vincent – Chamo-me Vincent. Estou à espera do Antoine. Não deve tardar. A menos que tenha acabado por decidir não vir. O que, aliás, eu compreenderia... Mas não, acho que vem. Nem que seja por curiosidade. Vão ver que ele vem. Há de querer saber o que lhe quero, tantos anos depois. O Antoine é... um amigo. Quer dizer, acho que sim. Digamos que, em tempos, fomos muito amigos. Andámos juntos no liceu. Um colégio católico numa pequena cidade de província. O ambiente era bastante rígido, mas isso não nos impediu de fazer toda a espécie de disparates. Divertíamo-nos à grande. Até fundámos uma companhia de teatro. Os dois, com mais umas quantas pessoas. Sobretudo raparigas... Na verdade, a companhia começou por ser uma armadilha para engatar raparigas. Fazíamos castings para peças que nunca chegávamos a montar. Escolhíamos sempre as mais bonitas, claro. E, na cena da audição, a candidata tinha de beijar o parceiro de cena. Ou seja, um de nós, enquanto o outro fazia de diretor de casting. A artimanha era bastante descarada, mas às vezes resultava com as mais atrevidas. Como éramos todos menores, ninguém apresentou queixa nem fomos processados por assédio sexual. Pois é... Eram outros tempos. Depois fomos para Paris e entrámos no Cours Florent, uma escola de representação. Sempre juntos, o Antoine e eu. Durante um ano, partilhámos um quarto de empregada em Montmartre. Vida de boémia, como na canção do Aznavour. *(Ouvem-se ao piano as primeiras notas da canção, mas sem palavras.)* Naquele cubículo mal cabia uma cama de solteiro. Todas as noites tirávamos à cara ou coroa, e quem perdia dormia no chão, num colchão insuflável, com os pés na entrada e a cabeça na casa de banho, onde havia menos correntes de ar. É verdade: nessa altura éramos inseparáveis. Pode dizer-se que o Antoine era... o meu melhor amigo. *(Uma pausa.)* Depois começámos a fazer castings e a conseguir alguns trabalhos, cada um por sua conta. Pequenos papéis em telefilmes ou comédias ligeiras... O Antoine ainda ficou uns meses naquele quarto. Eu instalei-me em casa de uma namorada, num estúdio pouco maior. Pelo menos, já podíamos os dois dormir numa cama. Ele sozinho na dele, eu com a rapariga que conhecera numa rodagem. Os anos passaram e começámos a ver-nos cada vez menos. Até deixarmos de nos ver de todo. Não sei porquê. Quer dizer, tenho uma pequena ideia, mas... Não sei... O Antoine continua a ser ator, como eu. Bem, ele faz sobretudo figuração. Pequenas aparições, como se diz na profissão. Aquelas personagens tão discretas que ninguém dá por elas nos filmes. A não ser os amigos do Facebook, se tiverem sido avisados na véspera: «Amanhã à noite, na televisão, apareço logo na primeira cena! Sou o empregado que leva uma cerveja ao inspetor Maigret. Atenção, só se vê o meu perfil durante dois ou três segundos. Quando o Maigret me dá uma nota e diz "Fique com o troco", eu respondo "Obrigado".» Uma manhã inteira à espera num estúdio para dizer «obrigado» ao inspetor Maigret! Pelo menos, pode pôr no Instagram a folha de serviço em que o seu nome aparece ao lado do nome da estrela a quem diz «obrigado». Na esperança de que um dia seja ele a estrela e lhe digam «obrigado»... *(Ouvem-se as primeiras notas e algumas palavras da canção «Je m'voyais déjà», de Aznavour.)* Infelizmente, o

Antoine não teve essa sorte. Continua a fazer de empregado de mesa e a dizer «obrigado». Antes ainda fazia algum teatro, mas agora quase não lhe oferecem nada. Acho até que pensa abandonar a profissão e voltar à contabilidade. Sim, porque começou por estudar contabilidade na universidade. E não é mau ator, atenção. Falta-lhe é ambição. Vão ver, o Antoine é... um bom rapaz. Não quero dizer «bom rapaz» no sentido de... Porque, quando se diz que alguém é um bom rapaz, pensa-se logo que é um bocado parvo. Não sei porquê, mas hoje em dia bondade e estupidez parecem quase sinónimos.

Antoine entra.

Antoine – Estou a interromper-te? Estavas ao telefone?

Vincent – Não, nada disso. Entra, Antoine, faz favor...

Antoine avança até ao centro do palco, dá com o público e fica por instantes sem reação.

Antoine – Isto é uma brincadeira?

Vincent – O quê?

Antoine – Que armadilha é esta? Dizes-me que queres falar comigo, marcas encontro no palco de um teatro fechado há anos e nem sequer me avisas de que vai haver uma audição pública. Eu não preparei nada!

Vincent – Não, não é nenhuma audição. Bom, não exatamente.

Antoine – Mas está aqui público! Não estou a sonhar!

Vincent – Um sonho? Seria mais um pesadelo, não achas? Imagina um tipo que abre uma porta em casa, a da casa de banho, por exemplo, e de repente dá por si num palco, à frente de uma plateia, sem saber em que peça está nem que texto tem de dizer.

Antoine – É mais ou menos a história da minha vida... Mas, afinal, que estou eu aqui a fazer?

Vincent – Estamos num teatro, não estamos?

Antoine – Nem sabia que isto ainda era um teatro. Já não se representa aqui nada há mais de vinte anos.

Vincent – Um teatro é como uma igreja: enquanto não for dessacralizado, ainda se pode celebrar missa.

Antoine – Missa?

Vincent – É uma maneira de dizer...

Antoine – Mas isto é para quê? Um casting?

Vincent – Um casting, se lhe quiseres chamar assim...

Antoine – Eu não quero chamar-lhe nada. Foste tu que me pediste para vir.

Vincent – Exatamente. Então, como estás?

Antoine *(à parte)* – Queres mesmo que nos ponhamos à conversa como se nada fosse? Aqui, à frente de toda esta gente?

Vincent – Faz de conta que não está cá ninguém... Como no teatro. A quarta parede, conheces? Queres beber alguma coisa enquanto esperamos?

Antoine – Enquanto esperamos por quê?

Vincent – Um café? Acabei de comprar uma máquina de café expresso. Faz um café ótimo.

Sai. Antoine fica por instantes perplexo. Lança um olhar embaraçado ao público, dá alguns passos, volta ao centro do palco e dirige-se aos espectadores.

Antoine – Peço desculpa, não faço a mínima ideia do que estou aqui a fazer... *(Tenta ganhar compostura sentando-se, mas levanta-se logo e volta a andar de um lado para o outro.)* Espero que ele volte depressa, porque isto é um pouco constrangedor... Este idiota sempre teve um talento especial para me pôr em situações embaraçosas... *(Silêncio.)* O Vincent e eu somos... velhos amigos. Melhor dizendo, amigos de juventude. Porque «velhos amigos» faria supor que ainda somos amigos. Fizemos as maiores tropelias juntos, no liceu. Tínhamos uma companhia de teatro que fundámos com algumas raparigas... Enfim. Depois tornámo-nos atores. Atores profissionais, quero eu dizer. A trabalhar de forma intermitente... E a ver-nos também cada vez mais intermitentemente. Cada um seguiu o seu caminho, e esses caminhos quase deixaram de se cruzar. Há anos que não vejo o Vincent. Por isso fiquei surpreendido quando me telefonou. Nem sei como conseguiu o meu número de telemóvel. Da última vez que nos vimos, nem tenho a certeza de que já houvesse telemóveis. Há uns anos, o Vincent teve algum sucesso numa série de televisão. Reconheciam-no na rua e pediam-lhe autógrafos. Meteu na cabeça que era uma estrela. A partir daí, nunca mais trabalhámos juntos. Eu não era nenhuma estrela, estão a perceber... Agora, as pessoas já se esqueceram dele. Teve tempo de descer à terra. Vai fazendo papéis secundários no teatro ou na televisão. Voltou a ser um ator como tantos outros. Talvez por isso se tenha lembrado de mim...

Vincent regressa com uma chávena de café, que coloca na mesa.

Vincent – Não pus açúcar. Aliás, nem tenho.

Antoine – Não faz mal, obrigado...

Vincent pega novamente na sua chávena, senta-se e bebe um pouco de café. Antoine continua de pé.

Vincent – Senta-te.

Antoine – E se começasses por me dizer por que me fizeste vir? Não vamos pôr esta gente toda à espera...

Vincent – Talvez me apetecesse simplesmente ver-te. Somos amigos, não somos? Os amigos não precisam de uma razão especial para se encontrarem.

Antoine – Não nos vemos há pelo menos dez anos.

Vincent – Doze.

Antoine – Foi no funeral da tua mãe. Mal tivemos ocasião de conversar.

Vincent – O funeral da minha mãe, pois foi. Não era propriamente a melhor ocasião para recordar os bons velhos tempos. Lembro-me bem. Não foi um funeral muito alegre.

Antoine – Devias ter vindo ao da minha mãe. Foi muito mais divertido. A propósito, por que é que não foste?

Vincent hesita antes de responder e volta-se para o público.

Vincent *(para o público)* – Os funerais são como os convites para jantar: um círculo vicioso. Se alguém vai ao funeral de um familiar vosso, sentem-se obrigados a retribuir no próximo. E passam a vida condenados a ir aos funerais dos familiares dos amigos. Já para não falar no preço das flores. Por isso, um dia disse: basta! Porque acham que tanta gente escolhe enterrar os seus mortos na mais estrita intimidade, sem flores nem coroas? Por modéstia do falecido? Qual quê! Para não ter de retribuir o favor. Quando se conhece muita gente, a partir de certa idade acaba-se num funeral por mês. Já me aconteceu ir a dois na mesma semana. Há pessoas a quem já enterrei praticamente a família toda. Torna-se um emprego a tempo parcial. E uma despesa. Por isso resolvi ser modesto pelos outros. Para mim, todos os funerais são na mais estrita intimidade: não vou, ponto final. E também não mando flores. Além disso, as flores... Entre nós, não é um disparate ecológico? Muitas vêm dos Países Baixos, ou até de África. De avião! Não, funerais, já não vou a nenhum...

Antoine – Pois, nessa altura o senhor estava muito ocupado. Era uma grande estrela da televisão.

Vincent – Já te disse: estava numa rodagem. Não me pude ausentar. Espero que não me guardes rancor por isso.

Antoine – Eu disse que te guardava rancor por alguma coisa?

Vincent – Não sei... Éramos tão amigos, não éramos? Agora já não nos vemos. É só porque cada um tem a sua vida ou... aconteceu alguma coisa?

Antoine – Alguma coisa?

Vincent – Não estamos zangados, pois não?

Antoine – Acho que não. E tu?

Vincent – Até se pode dizer que, a certa altura, eu era o teu melhor amigo, não é?

Antoine fica num silêncio embaraçado e acaba por se voltar para o público.

Antoine *(para o público)* – O melhor amigo dele... O que é que isso quer dizer, afinal? Quando somos bebés temos um boneco de estimação. Em crianças, um amigo imaginário. Depois, um melhor amigo. A seguir, uma namorada. Com sorte, casamos com ela e esquecemos os amigos. É a vida. A nossa mulher torna-se também a nossa melhor amiga. Imagino que, se pudéssemos ir para a cama com o nosso melhor amigo, nem precisávamos de casar. *(Para Vincent.)* É verdade, eras o meu melhor amigo. E eu? Era o teu melhor amigo?

Vincent – Sim. Eras o meu melhor amigo.

Antoine – Foi há muito tempo.

Vincent – Já não nos vemos, mas continuamos amigos, não é?

Antoine – Depende do que entendas por amigo... O que é, para ti, a amizade?

Vincent – Não sei.

Antoine – Se eu precisasse de dinheiro, emprestavas-me?

Vincent – Precisas de dinheiro?

Antoine – É só um exemplo.

Vincent – Não, porque, se precisares de dinheiro, aviso-te já de que não tenho.

Antoine – Se eu estivesse doente, ias visitar-me ao hospital?

Vincent – Suponho que isso também é um exemplo.

Antoine – Nem sequer foste ao funeral da minha mãe.

Vincent – Desculpa... Não fazia ideia de que isso era tão importante para ti. E eu não gosto muito de funerais.

Antoine – Conheces alguém que goste de funerais?

Uma pausa.

Vincent *(para o público)* – Também não gosto de hospitais. Quando vou visitar alguém ao hospital ou a um lar, lembro-me de que o mesmo declínio me espera, mais cedo ou mais tarde. E o que mais me assusta nem é a decadência física, passageira ou definitiva. É aquele ambiente de prisão. No hospital ou no lar perde-se toda a liberdade. Para começar, a de sair sem autorização. Até se perde a identidade. O doente passa a ser apenas um paciente; o reformado, um residente. Falam de nós na terceira pessoa, como se a alma já tivesse abandonado o corpo. «Então, como passou hoje o nosso senhor?» «A nossa senhora dormiu bem?» Para mim, um hospital ou um lar é pior do que a prisão. Na prisão também não passamos de um número, mas ao menos não esperam que aceitemos docilmente a privação da liberdade e ainda agradeçamos aos carcereiros. Não. Eu não visito ninguém no hospital nem no lar. É demasiado deprimente...

Antoine – Ainda não me disseste porque querias ver-me. Nem o que estamos aqui os dois a fazer.

Vincent – Lembras-te da companhia de teatro que fundámos?

Antoine – Lembro...

Vincent – Organizávamos castings para papéis femininos. Na cena da audição, a rapariga tinha de beijar o parceiro. Um de nós, enquanto o outro fazia de produtor.

Antoine – Nunca resultou grande coisa, mas pronto...

Vincent – Resultou com a Louise.

Antoine – Sim.

Vincent – Como nos rimos com aquilo!

Antoine – Não me digas que organizaste um casting desses hoje e precisas que eu faça de produtor. Já não temos idade para isso, pois não?

Vincent – Foi pena. Era divertido. Lembras-te daquela vez em que uma rapariga...

Antoine – Ouve, Vincent, desculpa, mas não tenho grande jeito para serões de nostalgia. Afinal, o que queres de mim?

Vincent – Tenho uma coisa para te pedir. Quer dizer, para te contar... Uma coisa um pouco embaraçosa...

Antoine – Aqui? Agora? Num palco? Diante do público?

Vincent – Somos atores, afinal.

Antoine – De facto, isto está a ficar muito teatral.

Vincent – Dois amigos podem conversar um bocadinho, não podem? Está bem, deixemos o passado. Falemos do presente. E do futuro... Em que andas a trabalhar?

Antoine – Tenho vários projetos.

Vincent – A sério? Teatro? Cinema?

Antoine – Enquanto não forem concretizados, prefiro não falar deles. E tu?

Vincent – Eu? Não paro... Tenho a agenda cheia para os próximos três anos.

Uma pausa.

Antoine – Então foi para isso que me chamaste? Para me esfregares na cara a lista dos teus sucessos? Sabes perfeitamente que me custa arranjar trabalho suficiente para chegar ao fim do mês, como acontece a tantos atores...

Vincent – Acabaste de me dizer que tens muitos projetos em curso.

Antoine – É o que se diz quando não se tem trabalho e se está apenas à espera de que o telefone toque. E tu sabes isso muito bem.

Vincent – Desculpa, não sabia que as coisas te estavam a correr tão mal.

Antoine – Afinal, a que vem isto tudo, Vincent? Queres oferecer-me um papel?

Vincent – Não exatamente, mas...

Antoine – Bem me parecia... Então, o que é?

Vincent – Tenho uma grande notícia para te dar.

Antoine – Uma grande notícia? Para ti, suponho. Uma coisa que vai relançar a tua carreira e permitir-te olhar ainda mais de cima para os outros.

Vincent – Achas-me assim tão egocêntrico?

Antoine – O que é que o teu sucesso tem a ver comigo? Precisas de uma claque? Queres que te peça um autógrafo?

Vincent – Não é nada disso.

Antoine – Ah, não?

Uma pausa.

Vincent – Eu disse uma grande notícia. Não disse uma boa notícia.

Antoine – Como assim, não é uma boa notícia? Queres dizer... que é uma má notícia?

Vincent – Acabaram de me diagnosticar um tumor no cérebro.

Antoine fica sem palavras.

Antoine – Não...

Vincent *(para o público)* – Não sei o que me deu para dizer aquilo... É mentira, claro, mas já não tinha argumentos. Ele conseguiu mesmo tirar-me do sério. A ouvi-lo, o sucesso subiu-me à cabeça, sou um arrivista desprezível e desprezo toda a gente, a começar pelos meus antigos amigos. Não tenho culpa de ter tido mais sucesso do que ele! Não vou passar a vida a pedir desculpa por ter algum talento e saber promovê-lo. Se fosse meu amigo, devia alegrar-se com o meu sucesso em vez de me invejar, não? Está bem, reconheço que não o ajudei muito quando podia. Mas talvez nem lhe tivesse feito um favor. Mesmo que o tivesse ajudado, hoje acusar-me-ia de o ter feito por condescendência, para mostrar a minha superioridade. Portanto, sim, deixei-o desenrascar-se sozinho. Não sou a favor do assistencialismo. Nem do nepotismo. Sabem, quando se põem os amigos à frente de pessoas competentes que mereciam realmente o lugar. É verdade que às vezes os nossos amigos também podem ser competentes, mas enfim... Não tenho culpa de que ele tenha falhado tanta coisa na vida. Na vida profissional, pelo menos. Mas daí a inventar que tinha um tumor no cérebro... Não sei. Talvez, por uma vez, quisesse que ele tivesse pena de mim em vez de me invejar. Para experimentar o papel de vítima. Para ver como reagia se, desta vez, o papel de desgraçado me calhasse a mim...

Antoine – Bolas... Lamento imenso... Desculpa...

Vincent – Não tens de pedir desculpa. Não é culpa tua.

Antoine – Não, quero pedir desculpa por ter sido tão desagradável. Se eu soubesse...

Vincent – Ao menos tu és um amigo a sério. Vais visitar-me ao hospital, não vais? Pelo menos enquanto ainda estiver apresentável...

Antoine fica momentaneamente atónito.

Antoine – Mas... não te podem tratar?

Vincent – O tumor está num sítio muito complicado. É inoperável. Por isso, infelizmente...

Antoine – Bolas...

Vincent – Dão-me um ano de vida. Talvez menos.

Antoine – E, no entanto, a olhar para ti...

Vincent – Sim... Por enquanto quase não tenho sintomas. Mas os médicos dizem que não vão tardar a aparecer. E os últimos meses serão os mais difíceis. Agora ainda estou bem. Aproveito para pôr os assuntos em ordem. E para me despedir das pessoas de quem gosto...

Antoine – Fico muito comovido por estar entre elas. Claro que, se houver alguma coisa que possa fazer por ti...

Vincent – Obrigado... Infelizmente, a não ser que tenhas descoberto uma cura milagrosa para o cancro...

Uma pausa.

Antoine – E foi por isso que me chamaste?

Vincent – Sim. Mas, por enquanto, preferia que isto ficasse entre nós. Ainda ninguém sabe...

Antoine olha, desconcertado, para a plateia.

Antoine – Ninguém?

Vincent – Ninguém.

Antoine – E eles?

Vincent – Ah, pois, é verdade. Tinha-me esquecido deles...

Antoine – Pois, a quarta parede...

Vincent – Enfim, como disseste, sou ator acima de tudo. Suponho que, inconscientemente, preciso de encenar o meu próprio desaparecimento.

Antoine fica a pensar por instantes.

Antoine – Foi para isso que me trouxeste a este palco? Para me anunciares a tua morte, veres a minha reação e dares espetáculo ao público?

Vincent – Não só por isso. Queria ver-te, mais nada. E, como já não me resta muito tempo, resolvi repensar as minhas prioridades.

Antoine – Não sei o que te dizer... Sinto-me honrado por te teres lembrado de mim. Estou comovido. Mas, ao mesmo tempo... Achas mesmo possível retomar uma amizade interrompida há tantos anos só porque um de nós vai morrer daqui a uns meses?

Vincent – Não sei. Dizem que alguns animais se aproximam dos humanos quando sentem o fim a chegar. Imagino que as pessoas se aproximem dos amigos quando se aproxima a morte.

Antoine – Talvez...

Vincent – Se soubesses que tinhas os dias contados, telefonavas-me?

Antoine – Sinceramente?

Vincent – Sinceramente.

Antoine – Não.

Vincent – Está bem.

Antoine *(para o público)* – É curioso. Não lhe desejo a morte, claro. Ninguém deseja a morte de um amigo. Mas, francamente, prefiro que lhe aconteça a ele do que a mim. É horrível pensar assim, eu sei. Mas ninguém consegue impedir os próprios pensamentos. Enquanto não os dissermos, não fazemos mal a ninguém, pois não? E o que eu penso é que... não seria justo que me calhasse a mim. Não se pode perder em tudo. Tem de haver alguma justiça, no fim de contas. Mesmo sem acreditar no destino, nem que seja por mero acaso, as coisas acabam por se equilibrar. O bom e o mau, quero eu dizer. É uma questão de probabilidades. Como na roleta: não se pode acertar sempre no número certo. Nem no errado. Ele, depois de ter tido uma sorte dos diabos durante toda a vida, acabou por lhe sair o zero. Aposte no que apostar, vai perder tudo. Eu, com o azar que me tem perseguido há tantos anos, ao menos escapei ao pior e continuo vivo. Por enquanto...

Vincent – Mas vais visitar-me ao hospital, não vais?

Antoine – Claro.

Vincent – Não és obrigado. É verdade que há anos que não nos vemos. Não tenho o direito de te exigir nada. Afinal, não me deves nada.

Antoine – Não.

Uma pausa.

Vincent – Fomos vendo-nos cada vez menos. O que aconteceu para um dia deixarmos de nos ver de todo?

Antoine *(a brincar)* – Tirando o facto de te teres armado em vedeta depois do teu pequeno sucesso na televisão e de te teres esquecido dos velhos amigos?

Vincent – Sim. Tirando isso.

Uma pausa.

Antoine – Ouve, Vincent... Quando éramos novos, vivíamos a nossa amizade no presente. Fazíamos disparates juntos. Às vezes falávamos deles meses depois, mas no dia seguinte já estávamos a fazer outros ainda piores.

Vincent – É verdade. Éramos novos. Não tínhamos nada a perder e não tínhamos medo de nada.

Antoine – Aos poucos, fomos ganhando juízo. Fazíamos cada vez menos disparates. E, sobretudo, já não os fazíamos juntos. Quando nos encontrávamos, limitávamo-nos a falar dos bons velhos tempos.

Vincent – Ou a enumerar as nossas proezas, para provar qual de nós tinha tido mais sucesso.

Antoine – E nesse jogo tu ganhavas sempre. Ao fim de algum tempo, era deprimente. Até mortífero. Para poder seguir em frente, tive de deixar de te ver.

Vincent – Agora vai ser difícil pensar no futuro, percebes? Só me resta um ano de vida... Vai ser o tempo das últimas vezes. Quando temos um agosto horrível, dizemos que o próximo verão será melhor. Mas quando é o último verão...

Antoine – Não sei o que dizer.

Vincent – Há uma coisa que queria pedir-te.

Antoine – O que quiseres.

Vincent – Podes ficar com o meu gato quando eu já cá não estiver?

Uma pausa.

Antoine – O teu gato?

Vincent – Não tenho mais ninguém a quem o confiar. Bom, ninguém em quem confie suficientemente.

Antoine – Nem sabia que tinhas um gato. Nunca tinhas tido nenhum, pois não?

Vincent – É o primeiro. Talvez seja por isso que gosto tanto dele... Hoje é o único amigo que me resta... além de ti.

Antoine – Ah...

Vincent – Acredita, um animal nunca nos desilude.

Antoine – Pois, mas... nem sei tratar de um gato. Nunca tive filhos, quanto mais um gato...

Vincent – É muito simples. Basta dar-lhe comida e água, mudar a areia de vez em quando e fazer-lhe festas para ele perceber que gostas dele.

Antoine – Ouve, não sei... Um gato, com a vida que eu levo...

Vincent – Hás de fazer isso pelo teu antigo melhor amigo, a quem só restam uns meses de vida, não hás de?

Antoine fixa Vincent.

Antoine – Isto não é uma brincadeira, pois não? Porque inventar um tumor no cérebro só para reatar uma amizade perdida seria uma coisa muito retorcida.

Vincent – Quem sabe... Se receberes a minha participação de falecimento até ao fim do ano, ficas a saber. Se não, foi uma brincadeira de mau gosto...

Antoine – Estás a gozar comigo, é isso?

Vincent – Juro que não era essa a minha intenção. Deixei-me levar. Estamos num palco, entrei no papel, improvisei.

Antoine – Brincar assim com os sentimentos dos outros... É monstruoso, Vincent.

Vincent – Acabaste de dizer que já não fazíamos disparates juntos e que foi por isso que deixámos de ser amigos! Achei que era uma boa oportunidade para recomeçar... Lembras-te? Também inventávamos histórias inacreditáveis. Convencemos o diretor do colégio de que éramos judeus e, por isso, não podíamos ficar no estudo à sexta-feira à noite. E, bolas, eu não vou morrer! Pelo menos ainda não. Devias estar contente, não?

Antoine – Por acaso, quase me sinto desiludido. Já me estava a imaginar no teu funeral. Tinha até preparado umas palavras para o elogio fúnebre, na qualidade de melhor amigo do falecido. Teria falado dos bons velhos tempos. Da amizade inquebrável que nos unia. Do destino que pôs fim demasiado cedo a uma carreira cheia de promessas...

Vincent – Fico muito comovido, obrigado.

Antoine – És mesmo um grande idiota. Nunca mais te quero ver.

Prepara-se para sair.

Vincent – Espera, Antoine! Estavas disposto a voltar a ser meu amigo porque eu ia morrer. E agora voltas a odiar-me porque estou de perfeita saúde? Tens uma ideia estranha do que é a amizade, não achas?

Antoine – Mas, Vincent... Porquê?

Vincent – Não sei. Pensei que tinhas razão. Era uma falta de sensibilidade chamar-te aqui só para te anunciar uma boa notícia a meu respeito.

Antoine – Então, afinal, é uma boa notícia...

Vincent – Para mim, pelo menos. Para ti, não sei...

Antoine – Para mim?

Vincent – É verdade. Não tens motivo nenhum para ficares contente por mim.

Antoine – Qual é essa boa notícia? Foste nomeado para um prémio Molière? Queres que vá assistir à tua consagração? Já não tens amigos suficientes para te aplaudirem?

Vincent – Portanto, nunca me perdoaste, pois não?

Antoine – Perdoar o quê?

Vincent – Ter conseguido o papel principal naquele casting a que fomos juntos, há quinze anos. Na série que lançou a minha carreira. Tens inveja do meu sucesso, não tens?

Antoine – Do teu sucesso?

Vincent – Na profissão, pelo menos.

Antoine – Como disse Warhol, toda a gente tem direito aos seus quinze minutos de fama. Os teus duraram dois ou três anos. Ainda viveste mais uns tempos dessa fama, depois de a série acabar. Desde então, não passas de papéis secundários.

Vincent – Sempre é melhor do que fazer figuração.

Antoine – O teu suposto sucesso subiu-te à cabeça, Vincent. Esqueceste os verdadeiros amigos. E continuas solteiro...

Vincent – Tu também, não é? Quer dizer, voltaste a ser.

Antoine – Vejo que estás bem informado. E isso deixa-te satisfeito, não é? Saber que, se não ficaste com a Louise, pelo menos ela já não está comigo.

Vincent – Estás completamente enganado, garanto-te.

Antoine – Não me venhas com essa, Vincent. Foi isso que nunca me perdoaste. És incapaz de te alegrar com a felicidade dos outros. Tudo o que um amigo consegue parece-te algo que te foi roubado. E foi por isso que nunca me estendeste a mão quando precisei.

Vincent – Nunca te guardei rancor por causa da Louise. Aliás, nessa altura ela nem me interessava.

Antoine – Pois, claro. Passou a interessar-te quando me escolheu a mim. Não suportas a ideia de uma rapariga me preferir a ti. Pior: é incompreensível. Contraria a ordem natural das coisas.

Vincent – Estás a delirar.

Antoine – Pois é, meu caro, quer queiras quer não, naquele casting fui eu que consegui o papel. Jogámos à cara ou coroa e, nesse dia, a sorte sorriu-me. Fui eu que beijei a Louise enquanto tu fazias de produtor. E uns anos depois fui eu que casei com ela.

Vincent – Não tinha ciúmes disso, garanto-te.

Antoine – Vá lá, eu bem via como olhavas para ela. Mas tens de aceitar uma coisa, Vincent: não podes ganhar sempre. Não podes ter tudo. É preciso deixar alguma coisa para os outros. Os amigos não servem só para aplaudir os teus triunfos. Também têm direito a ser felizes de vez em quando.

Vincent – Claro.

Antoine – Fui muito feliz com a Louise. Pergunto-me porque é que a deixei.

Vincent – Talvez porque, na verdade, foi ela que te deixou.

Antoine – Como sabes isso? Voltaste a vê-la?

Vincent hesita.

Vincent – A última vez que estivemos os três juntos foi no funeral da minha mãe.

Antoine – No funeral da tua mãe... Há pouco dizias que não era a melhor altura para rever o teu melhor amigo, mas arranjaste tempo para voltar a encontrar-te com a mulher dele.

Vincent – Não foi exatamente assim. Encontrámo-nos várias vezes depois disso.

Antoine – Foste tu que procuraste voltar a vê-la?

Vincent – Não. Foi por acaso. Trabalhamos na mesma área, é normal cruzarmo-nos de vez em quando.

Antoine – Nós nunca nos voltámos a cruzar.

Vincent – Ela é que não andava a evitar-me.

Antoine – Mas não foste para a cama com ela, pois não?

Vincent – Não foi no dia do funeral da minha mãe, garanto-te.

Antoine – Portanto, foste para a cama com ela.

Uma pausa.

Vincent – Até fiz mais do que isso. Vou casar-me, Antoine. Era isso que te queria dizer.

Um silêncio pesado.

Antoine – Casar-te...

Vincent – Com a Louise.

Antoine acusa o golpe.

Antoine – Diz-me que é outra das tuas brincadeiras, Vincent.

Vincent – Não é nenhuma brincadeira, Antoine.

Antoine – Não conseguiste resistir, pois não?

Vincent – Não é para te magoar, juro. Como podes pensar uma coisa dessas? Simplesmente aconteceu.

Antoine *(para o público)* – Apetece-me matá-lo. Aliás, apetece-me matar os dois. Como é que ela foi capaz de me fazer isto? Está bem, já não estamos juntos. Ela não me deve explicações. Mas podia ter escolhido qualquer outro homem. Por que foi escolher o Vincent? A não ser que, desde o princípio, desde aquele famoso casting, se tenha arrependido de não ter trocado o primeiro beijo com ele, em vez de comigo. E se a moeda tivesse caído do outro lado? A nossa história, a história dos três, teria sido diferente? Há muito que esta pergunta me atormenta. Até que ponto o destino depende do acaso? E, entre estes dois fatores que não dominamos, que lugar fica para a liberdade individual? O mundo tem um sentido e uma finalidade que nos condicionam ou não passa de uma das inúmeras versões possíveis de um caos perfeitamente aleatório? O livre-arbítrio é uma ilusão ou podemos realmente alterar o rumo da vida, entre um destino que nos arrasta como uma corrente marítima e um acaso que nos desvia como uma rajada de vento? O naufrágio do Titanic deveu-se ao destino da viagem transatlântica, ao encontro fortuito com um icebergue ou à incompetência do comandante?

Vincent – Vamos casar-nos, Antoine. É assim. Não é contra ti.

Antoine – E fizeste questão de me contar pessoalmente?

Vincent – Ela é a tua ex-mulher. Achei que devia ser eu a contar-te. Claro que não te peço que saltes de alegria. Embora há pouco me tenhas dito que devíamos ficar felizes com a felicidade dos amigos...

Antoine – Tens uma lata descomunal! Ficar feliz com a felicidade de um amigo que acaba de me roubar a mulher?

Vincent – A tua ex-mulher!

Antoine – Querias a minha bênção ou só mais uma oportunidade de me humilhar?

Vincent – Nunca quis humilhar-te, Antoine. Na verdade, sempre te admirei.

Antoine – Admiras-me? A mim?

Vincent – Sim.

Antoine – Sempre me consideraste um falhado.

Vincent – Não é o teu sucesso que admiro. É a tua inteligência. A tua lucidez. A tua integridade...

Antoine – Infelizmente, essas qualidades raramente andam de mãos dadas com o sucesso.

Vincent – Não exageres. Não falhaste em tudo.

Antoine – Nem sequer consegui conservar a Louise. E agora tiveste a tua vingança.

Vincent – Achas mesmo que alguém se casa apenas para se vingar?

Antoine – Claro que eu e a Louise estamos divorciados. Não precisas da minha autorização. Mas, entre todas as mulheres, por que tinhas de escolher precisamente essa?

Vincent – Não sei...

Antoine – E como é que aconteceu entre vocês? Quando?

Vincent – Voltámos a encontrar-nos. Percebemos que tínhamos muitas coisas em comum.

Antoine – Nomeadamente, um amigo.

Vincent – Nomeadamente, o teatro.

Antoine – Diz-me ao menos que a vossa relação não começou quando ainda éramos casados. Diz-me que ela não me deixou por tua causa...

Vincent – Juro-te.

Antoine – Como posso continuar a acreditar em ti?

Vincent *(para o público)* – De que serviria contar-lhe a verdade? É verdade, sempre fui apaixonado pela Louise. E o facto de ela ter escolhido o Antoine em vez de mim tornou-a, provavelmente, ainda mais desejável. Voltei a vê-la quando os dois vieram ao funeral da minha mãe. Nessa altura ainda estavam juntos, mas percebi que a relação não ia bem. Eu ainda gozava de algum prestígio como ator. Ela deu-me a entender que não lhe era indiferente. O Antoine foi-se embora logo depois da cremação. Tinha uma gastroenterite, ou coisa do género, mas fez questão de vir. A Louise ficou mais um pouco. Convidei-a para beber qualquer coisa em minha casa. E nem sei como aconteceu, mas acabámos a fazer amor desenfreadamente no sofá da sala, mesmo em frente à urna com as cinzas ainda quentes da minha mãe. Eros e Tânatos, já conhecem a história... Depois passámos alguns anos sem nos vermos. Voltámos a encontrar-nos por acaso no ano passado, na inauguração de uma exposição, e foi aí que a nossa relação começou realmente. *(Para Antoine.)* Tens de acreditar em mim, Antoine. Ela já te tinha deixado. Eu nunca faria uma coisa dessas a um amigo...

Antoine – Foi ela que te pediu para me dares a notícia?

Vincent – Falámos sobre isso. Achámos que era mais correto avisar-te. Mais cedo ou mais tarde ias saber. Não podíamos simplesmente casar sem te dizer nada.

Antoine – Podiam ter-se limitado a mandar-me um convite.

Vincent – Claro que não és obrigado a vir ao casamento.

Antoine – Obrigado...

Vincent – Vamos casar-nos... e temos projetos em conjunto.

Antoine – Projetos? Querem formar uma família? Vais dizer-me que ela já está grávida?

Vincent – Projetos de teatro.

Antoine – Estou a ver... Portanto, não é só um casamento, é também uma sociedade. Não me admira.

Vincent – A Louise tem muito talento. Ainda não teve oportunidade de o mostrar, só isso.

Antoine – Porque estava casada com um falhado como eu, queres dizer?

Vincent – Não faças de ti o centro de tudo, Antoine. Acusas-me de egocentrismo, mas a Terra também não gira à tua volta.

Antoine – Talvez tenhas razão. Não posso culpar toda a gente pelos meus fracassos.

Silêncio.

Vincent – E tu? Não tens mesmo nenhum projeto neste momento?

Antoine – Interessa-te mesmo?

Vincent – Disseram-me que pensavas deixar a profissão e voltar à contabilidade.

Antoine – Quem te disse? A Louise?

Vincent – Se precisares de uma ajuda...

Antoine – Queres indemnizar-me por me teres tirado a mulher?

Vincent – Já não é tua mulher, Antoine, é minha... Aliás, é ridículo falar das mulheres como se fossem propriedade de alguém. Há muito que não pertencem a ninguém. São elas que escolhem.

Antoine – Agora também vais dar-me uma lição de feminismo.

Vincent – Só estou a tentar ajudar-te.

Antoine – Durante todos estes anos nunca me estendeste a mão. E agora, porque vais casar com a Louise, estás disposto a ajudar-me.

Vincent – Por que não?

Antoine – Para ti é fácil, não é? Passas-me um cheque e apagamos o passado?

Vincent – Não estou a pedir-te que esqueças o passado. E não, para mim também não é fácil. É verdade que tenho trabalho, mas não ganho tanto como imaginas. E tenho despesas...

Antoine – Pronto, agora posso ir-me embora?

Vincent – Espera...

Antoine – Que foi agora?

Vincent – Não te fiz vir cá só para anunciar o meu casamento.

Antoine – Então o que é que queres, afinal?

Uma pausa.

Vincent – Estou a pensar comprar este teatro.

Antoine – Comprar este teatro? Disseste-me que não tinhas dinheiro.

Vincent – Com a Louise.

Antoine – Cada vez melhor.

Vincent – A Louise é atriz. E também encenadora. Podíamos formar uma boa equipa.

Antoine – Nós?

Vincent – Foi uma maneira de falar.

Antoine – Comprar um teatro... Para quê?

Vincent – Para fazer finalmente o que quero, sem depender de ninguém. Deixar de estar à espera de que o telefone toque, como tu dizes. Não é o sonho de qualquer ator?

Antoine – Porque não? Se tiveres meios para isso.

Vincent – Achas que podia resultar?

Antoine – Agora pedes a minha opinião?

Vincent – Sempre dei muita importância às tuas opiniões. Mesmo que nem sempre as tenha seguido...

Antoine – E não te correu nada mal...

Vincent – Então?

Antoine – Não sei. O que queres que te diga? Eu não tenho espírito empresarial. Nem ambição. Já mo deixaste bem claro, não deixaste?

Vincent – Podíamos voltar a trabalhar juntos.

Antoine – Queres dizer que podias arranjar-me um emprego? A fazer o quê? De técnico de palco? De bilheteiro? De arrumador?

Vincent – Eu tenho espírito empresarial, mas sou pouco prático. Tenho ideias, só não sou muito organizado. Sobretudo para tratar das contas e da papelada.

Antoine – Precisas de um contabilista e lembraste-te de mim, é isso? Não te bastou ficar com a minha mulher, ainda queres que seja eu a gerir as finanças da casa? E ainda queres que fique a fazer de vela?

Vincent – É esse o teu problema, Antoine. Vês sempre tudo pelo lado negro. Onde podias ver oportunidades, só vês conspirações. És paranoico.

Antoine – Obrigado.

Vincent – Continuavas a ser ator, evidentemente. Como nós. Mas todos fazíamos um pouco de tudo.

Antoine – Não tenho a certeza de querer ter-te como patrão.

Vincent – Então chama-lhe sócio.

Antoine *(para o público)* – Tenho um pouco de vergonha, mas devo admitir que a proposta até me atrai. Ter um teatro. Os três juntos. Era esse o nosso sonho quando começámos na profissão. Como aquelas companhias francesas de comédia que lançaram tantos atores. Só que eles começaram assim e depois fizeram grandes carreiras. Para nós seria mais uma saída de emergência e a confissão de um fracasso, mas enfim... *(Para Vincent.)* Vou pensar no assunto. Só não sei se é boa ideia voltarmos a trabalhar juntos, nós os dois. Quanto mais os três...

Vincent – Há pouco disseste que já não fazíamos nada juntos. Que nos limitávamos a recordar os velhos tempos e que foi por isso que a nossa amizade morreu. O que te proponho é partilhares esta aventura comigo. Quer dizer, connosco...

Antoine – Estás a propor-me uma relação a três, é isso?

Vincent – Tu já não vais para a cama com ela, pois não...? *(Silêncio.)* Vais?

Antoine – Eu também voltei a vê-la.

Vincent – Como assim? Depois do divórcio?

Antoine – Passámos muitos anos juntos. Isso não se apaga de um dia para o outro.

Vincent – E...?

Antoine – Voltámos a dormir juntos. Uma ou duas vezes.

Vincent – Uma... ou duas?

Antoine – Digamos três.

Vincent – E quando foi a última vez?

Antoine – Não sei... Há um mês.

Vincent – A Louise e eu decidimos casar há cerca de três meses.

Antoine – Se bem percebi, a tua futura mulher já te anda a trair com o ex-marido.

Vincent – Isto começa a parecer uma daquelas comédias de boulevard cheias de traições e equívocos.

Antoine – Nada nos impede de escrever uma e representá-la na inauguração do novo teatro...

Vincent *(para o público)* – É curioso, mas nem sequer lhes guardo rancor. Nunca pensei que a Louise pudesse pertencer-me inteiramente. É demasiado independente para isso. Como se chama à poligamia praticada por uma mulher? Ah, pois: poliandria. Já evoluímos bastante nestas questões. Talvez um dia oficializemos o casamento a três... *(Para Antoine.)* Se calhar, ela devia ter continuado casada contigo.

Antoine – Não abuses.

Vincent – Tu és muito melhor pessoa do que eu. És um homem de bem. És fiel.

Antoine – Parece que estás a falar de um cão. Infelizmente, as mulheres não gostam de bons rapazes.

Vincent – Pelo menos aos vinte anos. Depois...

Antoine – E com que dinheiro pensas comprar este teatro? Aviso-te já que não nado em dinheiro...

Vincent – Tenho algumas poupanças... E a Louise acabou de receber uma pequena herança.

Antoine – Uma herança? Tens razão, devia ter continuado casado com ela.

Vincent – Então? Voltamos a ser amigos?

Antoine – Tens a certeza de que alguma vez fomos amigos?

Vincent – Não sei. Mas podíamos tentar sê-lo.

Antoine – Estás a começar a preocupar-me, Vincent. Tens a certeza de que não tens mesmo um tumor no cérebro?

Vincent – Tenho um parafuso a menos. É igualmente incurável, mas perfeitamente benigno.

Antoine – E a Louise, o que é que acha disto?

Vincent – De nos lançarmos os três neste projeto, queres dizer?

Antoine – Também, sim.

Vincent – Foi ela que mo propôs. Disse-me: «Vai ser o nosso bebé. Dos três...»

Uma pausa.

Antoine – Tens a certeza de que não havia ali uma mensagem nas entrelinhas?

Vincent – Agora que falas nisso...

Antoine – Parece que ela nunca conseguiu escolher entre cara e coroa. Achas mesmo que está grávida?

Vincent – Podemos perguntar-lhe. Chega daqui a cinco minutos. *(Volta-se para a porta.)* Olha, por acaso, aí vem ela...

Ouvem-se três pancadas, sem se perceber se são as três pancadas tradicionais dadas no palco com o bastão de teatro ou se alguém está a bater à porta.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Espera, borboleta!
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-978-2

Documento para download gratuito